



A ORIGEM DA

IDO LA TRIA

MAURO MEISTER




VIDA NOVA



A ORIGEM DA

IDO LA TRIA

MAURO MEISTER




VIDA NOVA



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Meister, Mauro

A origem da idolatria / Mauro Meister. — São Paulo: Vida Nova, 2017.

ISBN 978-85-275-0798-1

1. Idolatria 2. Vida Cristã 3. Cristianismo I. Título

17-1574

CDD 248.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Vida Cristã

©2017, de Edições Vida Nova

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Rua Antônio Carlos Tacconi, 75, São Paulo, SP, 04810-020
vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.^a edição: 2017

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram extraídas da Almeida Século 21. As citações bíblicas com indicação da versão *in loco* foram extraídas da Almeida Revista e Atualizada (ARA) e da Almeida Revista e Corrigida (ARC).

DIREÇÃO EXECUTIVA

Kenneth Lee Davis

GERÊNCIA EDITORIAL

Fabiano Silveira Medeiros

EDIÇÃO DE TEXTO

Cristina Ignacio

Fernando Mauro S. Pires

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Caio Barrios Medeiros

Marcia P. B. Medeiros

REVISÃO DE PROVAS

Josemar de Souza Pinto

GERÊNCIA DE PRODUÇÃO
Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO
Sonia Peticov

CAPA
Souto Crescimento de Marca

CONVERSÃO PARA EPUB
SCALT Soluções Editoriais

Sumário

Agradecimentos

Prefácio

Introdução

1. A origem e as consequências da idolatria
2. A realidade da idolatria e como vencê-la
3. A idolatria que resulta de teologia, espiritualidade e ética equivocadas
4. A loucura da idolatria e o que Deus espera de nós

Para se aprofundar no tema

Agradecimentos

Tanto a agradecer! Tantos a agradecer. Não agradecer seria presumir que fiz algo só, por mim mesmo e para mim mesmo. Seria mais um ato de idolatria. Mas já vivi o suficiente diante de Deus para ter aprendido, pelo menos na teoria, que tudo à minha volta torna-se minha referência e que todas as coisas com referência no Criador de todas as coisas fazem sentido. Assim, pela ordem da estrutura criada, agradeço àquele que me criou para não ser idólatra e me redimiu da idolatria. Que amor! Agradeço à minha família, esposa e filhos amados, por serem o meu teste contra a idolatria. Estes conhecem de perto todas as minhas maiores fraquezas. Que conforto! Agradeço a igreja que aprendo a amar mais profundamente a cada dia, Igreja Presbiteriana da Barra Funda, em São Paulo, por ser o corpo no qual aprendo a adorar o Criador e amar ao próximo como a mim mesmo. Que deleite! Agradeço também aos meus irmãos colegas de ministério e trabalho diário, que apontam com facilidade minhas idolatrias e me corrigem. Que providência!

Agradeço aos irmãos de Edições Vida Nova, que, ao ouvirem minha palestra, conseguiram enxergar nela uma obra introdutória sobre o tema da idolatria. Jonas, Sérgio e Celso foram os culpados. Outros, com paciência muito mais do que merecida, aguardaram, trabalharam e fizeram com que a palestra se tornasse livro: Caio Barrios Medeiros, que transcreveu a palestra, Cristina Ignacio Cruz e Fernando Mauro Pires, que fizeram com que as palavras se

tornassem texto, e o pastor Josemar de Souza Pinto, que cuidadosamente revisou as provas! Muito obrigado!

Prefácio

Alguém poderia argumentar, com certa segurança, que os evangélicos não são idólatras. Ao que parece, a razão dessa segurança estaria ancorada no fato de não termos imagens em nossos templos, de não nos curvamos diante de estátuas feitas por mãos humanas ou de não acendermos vela para nenhum ídolo de barro ou metal.

Todavia, tal segurança está alicerçada em uma leitura demasiado superficial das Escrituras. O exame cuidadoso da Palavra de Deus é suficiente para revelar que, antes de ser um artefato de nossas mãos, o ídolo é um artefato do coração. Em outras palavras, não são apenas nossas mãos que fabricam ídolos; nosso coração também.

Quando compreendemos que o coração é, como diz João Calvino, “uma fábrica de ídolos”, damos o primeiro passo na direção do entendimento bíblico da idolatria. Tal entendimento revela ser possível que evangélicos sejam idólatras ainda que não tenham imagens em seus templos, não se curvem diante de estátuas feitas por mãos humanas e não acendam velas para nenhum ídolo de barro ou metal.

A visão bíblica da idolatria revela, portanto, que é possível ser idólatra sem usar as mãos. A propósito, é relativamente fácil destruir um ídolo feito de barro. Uma marreta, por exemplo, seria bastante útil e eficiente para destruí-lo. No entanto, como destruir os ídolos feitos com o material do coração? Como derrubar os falsos deuses que o coração confecciona a fim de nos fazer curvar diante deles?

As respostas a essas perguntas só podem ser eficazes se estiverem pautadas em uma teologia bíblica da idolatria. Essa teologia, por sua vez, começará ensinando que as origens da idolatria remetem aos dias em que o homem ainda gozava do privilégio de viver no jardim do Éden segundo a bênção de Deus. Ora, é exatamente isso que o dr. Mauro Meister se propôs fazer neste opúsculo: mostrar que a idolatria aparece na Bíblia desde Gênesis 3.1-7.

Com a profundidade, a clareza e a competência que são marcas incontestáveis de sua atuação como pastor e teólogo, Meister oferece ao leitor uma valiosa análise bíblica da idolatria. O livro é fruto de uma palestra a que tive a oportunidade de assistir. O que mais me impressionou naquela ocasião — e ainda mais agora, depois da leitura deste livro — é a ligação que Meister estabeleceu entre Gênesis 3.1-7 e Romanos 1.18-32.

Espero que, ao terminar a leitura deste livro, você tenha a mesma sensação que eu tive, expressa pelo seguinte pensamento: “Como não percebi isso antes?”. E mais: que, ao término da leitura, você possa saber não somente como identificar os ídolos do coração, mas também como destruí-los.

A Deus toda honra e glória!
JONAS MADUREIRA

Introdução

A ilusão de que não somos idólatras

Você pode ser rei no país do futebol.
Pode ser viciado em bingo e nunca ver a luz do Sol.
Você pode ser um mago e vender livros de montão.
Pode ser uma *socialite*, enriquecer vendendo pão.

*Mas um dia vai servir a alguém.
É, um dia vai servir a alguém.
Seja ao Diabo
ou seja a Deus,
um dia você vai servir a alguém.*

[...]

Você pode desejar a cura com Lacan.
Você pode procurar os serviços de um xamã.
Você pode ser um pregador, chutar os santos do altar.
Você pode ter um bom discurso, você pode nem saber falar.

Mas um dia vai servir a alguém. É [...]

Você pode ser demente, pode ser doutor.
Você pode ser sincero, pode ter rancor.
Você pode ser um crente, você pode ser ateu.
Pode ser um leitor vaidoso ou uma miss que nunca leu.

Mas um dia vai servir a alguém. É...¹

A versão de Vitor Ramil e Lenine para a canção de Bob Dylan (*Gotta serve somebody*) cabe como uma perfeita introdução para o tema deste livro. Em seus versos, vemos retratada a realidade de todo homem: isto é, o fato de que um dia eu e você serviremos a alguém. Talvez os compositores não saibam quanto estão perfeitamente corretos à luz da teologia cristã: uma vez que todos fomos criados para servir — no sentido bíblico de adorar —, não há ser humano que não sirva (adore) a alguém ou a alguma coisa. O único reparo pode ser o fato de que ainda não percebiam que o verbo deve ser usado no presente: já servimos a alguém.

No projeto original da Criação, o homem deveria adorar somente a Deus, o Criador de todas as coisas, mas, com a Queda, houve uma separação que acabou por obscurecer a visão humana de quem deveria ser adorado. A inclinação para adorar permanece no coração dos seres humanos, mas, como cegos, todos erram o alvo, sem nem ao menos se darem conta disso. Qualquer adoração e serviço a outro ser ou objeto que não o Criador constitui, entretanto, grave equívoco. E, como não há meio-termo, em última análise, adora-se ou a Deus, ou ao Diabo!

Os cristãos evangélicos no Brasil, no entanto, correm mais perigo quanto à idolatria. Na concepção de muitos, apenas as imagens e peças sacras comuns entre os católicos ou as religiões animistas indicam a prática idólatra, já que esses objetos são claramente condenados por Deus na Bíblia, constituindo uma violação direta do segundo dos Dez Mandamentos: “Não farás para ti imagem esculpida, nem figura alguma do que há em cima no céu, nem embaixo na terra, ou nas águas debaixo da terra; não te curvarás diante delas, nem as cultuarás” (Dt 5.8,9).

No ano 2000, tive a oportunidade de fazer uma viagem missionária de ensino à Ucrânia. Levei nessa viagem um então popular álbum de fotografias, a fim de mostrar aos alunos um pouco da distante realidade brasileira, para que eles tivessem ideia de como eram a família, a escola e a igreja em nosso país. Tudo para eles era novidade e lhes parecia muito interessante, mas uma das coisas que mais os surpreenderam gerou a seguinte pergunta: “Por que as paredes de sua igreja são todas brancas?”. Sim, a arquitetura eclesial protestante no Brasil evidencia um grande temor dos evangélicos, em sua maioria: o de serem parecidos com os católicos! Boa parte do que identifica um evangélico em nossa nação diz respeito a não fazer uso de nenhum tipo de imagem ou representação gráfica que possa sugerir que se trata de um objeto de devoção ou adoração.

Há também algumas razões históricas para essa diferenciação rigorosa, sendo uma delas a proibição de que se construíssem locais de culto protestantes semelhantes às igrejas católicas. A Constituição Imperial, datada de 1824, dizia em seu artigo 5.o: “A religião católica apostólica romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo”. A propósito, quando os ingleses começaram a desenvolver o comércio com o Brasil, só lhes era permitido realizar os cultos de tradição anglicana em navios. Antes desse período, não havia nenhum traço de protestantismo no país. As primeiras inserções missionárias, de séculos anteriores, haviam sido completamente neutralizadas.

Em certo sentido, então, ser protestante no Brasil significou, desde o início, ser diferente do católico. E é por isso também que muitos cristãos de tradição evangélica tendem a afastar-se de

imagens, esculturas e desenhos ao identificá-los como algo comum na prática religiosa do catolicismo, que associam automaticamente à idolatria. Em algumas tradições evangélicas, o máximo aceitável para o templo são a cruz (vazia) e alguns vitrais com representações de cenas bíblicas.

No entanto, ao olharmos em volta e não avistarmos imagens, seja de santos, seja de figuras e cenas bíblicas, precisamos tomar cuidado com a impressão de que estamos imunes à idolatria, de que se trata de algo já superado e, por isso mesmo, inofensivo. Essa é uma tática sutil de Satanás justamente para levar o cristão a se tornar idólatra. Porque, como veremos, a idolatria não está na imagem idolatrada, não está no ídolo em si, mas reside no próprio idólatra. Criados para adorar, buscamos um objeto de adoração, ao mesmo tempo que nossa rejeição a Deus nos coloca nos braços da idolatria.

Nas páginas a seguir, veremos que a idolatria nasceu no Éden, no momento em que Eva cedeu à tentação da serpente. Ao examinar as implicações desse acontecimento bíblico em seu contexto, descobrimos o chamado original do homem e o que ele recebeu das mãos de Deus para cumpri-lo. Veremos também como o homem se desvirtuou do plano inicial, dando lugar à idolatria e sofrendo assim consequências nefastas, o fruto amargo dessa perversão. Desde esse incidente, a raça humana decidiu satisfazer o desejo do próprio coração, o que a coloca na terrível condição de idólatra. Em seguida, veremos como o homem do século 21 vive imerso nesse pecado e como nós, cristãos dos dias atuais, podemos escapar dessa triste realidade. Finalmente, veremos como uma teologia, uma espiritualidade e uma ética equivocadas servem de fermento para a idolatria latente no ser humano, seja ele um descrente, seja

ele um cristão. Todo cuidado é pouco. Como dizia João Calvino, o coração humano é uma fábrica de ídolos!

Meu objetivo é que, ao término desta leitura, o leitor compreenda o perigo real da idolatria e adquira as ferramentas necessárias para lidar com ela e com os terríveis males que causa.

1. Vitor Ramil e Lenine, *Um dia você vai servir a alguém*.

1

A origem e as consequências da idolatria

Para melhor compreendermos a importância deste tema para o cristão dos dias atuais, penso que será útil primeiro entendermos a humanidade em seu início, bem como o que deu errado e fez com que a idolatria se tornasse uma realidade tão palpável ao longo da história.

A primeira referência que encontramos a respeito do surgimento e da presença da idolatria no ser humano encontra-se em Gênesis 3.1-7:

Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais do campo que o SENHOR Deus havia feito. E ela disse à mulher: Foi assim que Deus disse: Não comereis de nenhuma árvore do jardim? Respondeu a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim podemos comer, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis; se o fizerdes, morrereis. Disse a serpente à mulher: Com certeza, não morrereis. Na verdade, Deus sabe que no dia em que comerdes desse fruto, vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus, conhecendo o bem e o mal. Então, vendo a mulher que a árvore era boa para dela comer, agradável aos olhos e desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto, comeu e deu dele a seu marido, que também comeu. Então os olhos dos dois foram abertos e

ficaram sabendo que estavam nus; por isso, entrelaçaram folhas de figueira e fizeram para si aventais.

Passaremos boa parte deste capítulo examinando as decorrências desse texto de Gênesis 3 e de seu contexto mais amplo (uma vez que a escrita desse segmento do livro antecede em muito a divisão posterior de capítulos a que foram submetidos tanto o Antigo quanto o Novo Testamento). Na realidade, tudo começa em Gênesis 2.4, que diz: “São essas as origens dos céus e da terra, na ocasião em que foram criados”. Assim, antes de chegarmos a Gênesis 3, encontramos vários elementos que devem ser observados para entendermos melhor a ordem do mundo criado no momento em que a idolatria teve origem.

O CHAMADO ORIGINAL DO HOMEM E O QUE DEUS LHE DEU PARA CUMPRÍ-LO

No relato da Criação e, mais especificamente, na narrativa do estabelecimento do homem no Jardim do Éden (Gn 2.7-17), podemos observar os benefícios que lhe foram concedidos a fim de que pudesse cumprir o chamado original de Deus. É importante percebermos também que esses benefícios concedidos primeiro ao homem foram naturalmente estendidos à mulher e se perpetuariam, caso a ordem da criação fosse mantida de acordo com o plano inicial de Deus. A alteração dessa ordem, por meio da desobediência do primeiro casal, trouxe à humanidade e à criação em geral consequências desastrosas, que também analisaremos mais adiante, ainda neste capítulo.

Deus deu ao homem um propósito

Lemos em Gênesis 2.15: “E o SENHOR Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden, para que o homem o cultivasse e

guardasse”. Deus estabeleceu o homem no jardim e lhe designou, no contexto da criação e de forma inequívoca, um objetivo, um propósito. O homem recebeu assim um claro chamado: ele devia assumir o que Deus havia criado, desenvolvendo e guardando a cultura (palavra com a mesma acepção de *cultivar*).

Na verdade, a ideia apresentada nesse e em outros versículos é que o homem foi designado como aquele que deveria povoar a terra e nela reproduzir o Jardim de Deus. Esse era o propósito do homem, em sua cultura, dentro do espaço que Deus lhe dera para viver na criação. Uma vez que ele cumprisse esse propósito, estaria glorificando o autor do mandado.

Antes de prosseguirmos, há aqui algo que precisamos compreender: glorificamos a Deus à medida que cumprimos sua vontade explicitada por sua Palavra. Não o glorificamos somente quando dizemos “Glória a Deus!”. É possível proferir algo assim com os lábios sem, contudo, cumprir nada do que ele ordenou. Desse modo, a glória que devo dar a Deus com meus lábios deve ser equivalente à glória reproduzida na minha obediência ao que ele ordena em sua Palavra.

Portanto, glorificar a Deus por meio de um propósito claro era o chamado supremo do homem, e isso explica tudo o mais que Deus lhe concedeu para que pudesse cumpri-lo.

Deus deu ao homem liberdade

Deus não deu apenas um propósito ao homem. Ele também lhe deu liberdade. Lemos em Gênesis 2.16 que Deus disse ao ser que criara: “Podes comer livremente de qualquer árvore do jardim”. O homem podia escolher alimentar-se livremente de qualquer árvore que houvesse no jardim, mesmo daquela de valor sacramental, a árvore da vida.

Observe que este é o modelo de liberdade bíblica proposto para a criatura: a liberdade para cumprir um papel. Assim como tinha um propósito, o homem tinha as condições, dadas pelo Criador, para o seu cumprimento. O desejo humano de autonomia, de ser o SENHOR de sua própria história e destino, separado de Deus, não é verdadeira liberdade, senão uma escravidão do acaso.

Deus deu ao homem uma auxiliadora idônea

Deus também concedeu um auxílio especial ao homem, para que ele não estivesse solitário ao cumprir seu propósito e desfrutar da liberdade que recebera. Lemos em Gênesis 2.18: “Disse mais o SENHOR Deus: Não é bom que o homem esteja só; eu lhe farei uma ajudadora que lhe seja adequada”.

Deus tirou o homem de sua condição solitária em sua raça. O homem não estava só em outros sentidos: ele tinha tanto a presença do Deus criador, com quem podia se relacionar, uma vez que havia sido criado à sua imagem e semelhança, quanto a presença dos animais — embora estes, por não terem sido criados à imagem e semelhança de Deus, não pudessem dar resposta moral à condição do homem. Portanto, Deus concluiu que não era bom que o homem estivesse só em sua condição de raça criada, e assim deu ao homem a mulher, uma ajudadora, uma auxiliadora idônea.

Deus deu ao homem autoridade sobre a criação

Diz o texto em Gênesis 2.19: “E o SENHOR Deus formou da terra todos os animais do campo e todas as aves do céu, e os trouxe ao homem, para ver como lhes chamaria; e o nome que o homem desse a cada ser vivo, esse seria o nome deles”.

Como um complemento do que já havia sido claramente ordenado em Gênesis 2.27,28 a respeito de o homem exercer o

domínio sobre toda a terra, Gênesis 2.19 explicita uma atividade que simboliza de modo profundo a autoridade delegada ao homem por Deus. Nomear é exercer autoridade. Nomear também exige entendimento e envolvimento responsável com o que está sendo nomeado. Os pais, por exemplo, dão nome aos filhos, são autoridade sobre eles, são merecedores de honra por parte deles e, ao mesmo tempo, são diretamente responsáveis pela sua educação e criação, incluindo ensinar-lhes a honrar.

Deus deu ao homem integridade

O versículo 25 de Gênesis 2 diz: “E os dois estavam nus, o homem e sua mulher, e não se envergonhavam”. Não havia nada no homem e na sua mulher que precisasse ser encoberto um do outro e, principalmente, de Deus. Eles viviam com a totalidade de seu ser exposta na presença do Criador e na presença um do outro. Porque não havia pecado, não havia vergonha, embaraço, qualquer coisa a ser escondida ou maquiada. No ambiente da criação e no estado de inocência, quando o homem ainda não era conhecedor do bem e do mal, a transparência da verdade era absolutamente integral. Isso é integridade.

Deus impôs ao homem uma restrição

Deus deu ao homem um propósito e liberdade, proporcionou-lhe companhia e concedeu-lhe autoridade e integridade, mas, ao mesmo tempo, impôs uma restrição, dizendo-lhe: “... mas não comerás da árvore do conhecimento do bem e do mal; porque no dia em que dela comeres, com certeza morrerás” (Gn 2.17).

Por que Deus teria agido assim? Aí está uma pergunta de que se ocupa um teólogo da área da teologia sistemática ou da filosofia. Não cabe aqui buscarmos uma resposta elaborada, mas o fato é que Deus, em sua soberania, agiu exatamente assim, pois disse:

“Não comerás...”. Vale ressaltar, porém, que essa foi a única restrição diante das incontáveis possibilidades oferecidas ao homem em seu ambiente diário.

Contudo, em nossa perspectiva atual, em nossa moderna escala de valores, qualquer restrição adquire contornos negativos, considerados como um roubo de nossa suposta liberdade. A partir do momento em que nos é imposta uma regra, o jogo parece perder a graça. A despeito disso, Deus deu ao homem, além de todas as coisas com as quais o munuiu e habilitou para cumprir seu papel, uma ordem restritiva bastante específica.

NASCE A IDOLATRIA

É nesse cenário de plenitude, capacitação e predomínio da liberdade (com uma única restrição) que nos é apresentada uma intrigante personagem: a serpente. Diz o texto de Gênesis 3.1 que ela “era o mais astuto de todos os animais do campo que o SENHOR Deus havia feito”. Examinada, porém, no contexto amplo de toda a Escritura, essa serpente é o próprio Satanás: “E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, chamada Diabo e Satanás, que engana todo o mundo” (Ap 12.9). Ela entra em cena e se mostra em oposição absoluta a Deus. Em Gênesis 2.17, vemos Deus afirmar: “... porque no dia em que dela [árvore do conhecimento do bem e do mal] comeres, com certeza morrerás”. No capítulo seguinte, porém, a serpente diz a respeito da mesma ação proibida: “Com certeza, não morrereis” (Gn 3.4). Há, portanto, uma clara oposição a Deus feita pela serpente, a qual, podemos dizer, é a encarnação do Diabo.

Depois dessa investida da serpente, são relatadas no versículo 6 as fatídicas ações do primeiro casal: “Então, vendo a mulher que a árvore era boa para dela comer, agradável aos olhos e desejável

para dar entendimento, tomou do seu fruto, comeu e deu dele a seu marido, que também comeu”. Assim, tanto o homem como a mulher fizeram exatamente tudo o que Deus havia ordenado que não fizessem. Eis o exato momento em que nasceu a idolatria!

A herança da idolatria

O chamado supremo do ser humano era o de glorificar a Deus, adorá-lo em reverente obediência, ao reconhecer no Criador a fonte de toda a vida e sabedoria. Então, podemos dizer que Eva adorou a serpente? De certa forma, sim. Ela entregou a sua confiança (sua fé) para aquele animal com quem passou a relacionar-se em maldito diálogo. E foi acompanhada nesse ato por Adão. Portanto, é assim que passamos a adorar algo: quando nos submetemos a isso e à sua influência como se fosse superior a Deus. O que os nossos primeiros pais fizeram foi trocar a confiança naquilo que Deus havia dito por uma confiança na palavra de outrem (no caso, a palavra do Diabo).

Ora, o ser humano foi criado por Deus para crer e confiar em sua palavra, obedecendo ao que ele ordena por meio dela. Quando o homem desobedeceu à ordem que recebera, deixou de crer e confiar no próprio Deus. A mulher, por seus sentidos e desejos, dobrou-se diante de uma palavra proferida em oposição acintosa à palavra de Deus. Esse foi o primeiro ato de idolatria. E essa inclinação nos acompanha ao longo de toda a história da humanidade. Vemos, por exemplo, que o mesmo processo vai se repetir logo adiante, em Gênesis 6.2: “Vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, tomaram para si mulheres, as que, entre todas, mais lhes agradaram” (ARA). Nesse outro relato posterior ao da Queda, são destacados exatamente os mesmos sentidos e as mesmas ações da mulher no Jardim do Éden,

evidenciando que houve assim continuidade no ato de idolatria, o qual proporcionou o aumento progressivo da maldade humana. Essa mesma inclinação e atitude será vista várias vezes na vida dos patriarcas, sendo guiados em diferentes situações pelo seu sentido natural e não pela fé, pelo que viam e não pelas promessas de Deus.

O habitat da idolatria

Tendo em vista que a idolatria, desde o Éden, passou a ser algo presente na natureza humana, uma dúvida essencial vem à tona: Onde mora a idolatria?

Para conhecer o habitat da idolatria, vejamos o que diz Ezequiel 14.1-3: “Então alguns dos anciãos de Israel vieram a mim e se assentaram. E a palavra do SENHOR veio a mim: Filho do homem, estes homens *deram lugar no coração aos seus ídolos* e puseram o tropeço da sua maldade diante deles mesmos; devo eu ser consultado por eles?” (grifo do autor). Deus afirma que a idolatria está no coração daqueles homens. A palavra “coração” aparece 858 vezes no Antigo Testamento e é um termo essencial em toda a sua teologia. O coração do homem controla o homem completo. Se alguma coisa deve ser guardada como o que de mais precioso há, deve ser o coração: “Acima de tudo que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida” (Pv 4.23).

Havia idolatria em Israel, e ela se manifestava muitas vezes por meio do culto a Baal e a outros deuses. Entretanto, a manifestação externa de idolatria não era o problema maior, mas apenas a ponta de um imenso iceberg. Na verdade, o grande problema da idolatria estava muito bem escondido *no coração* daquele povo. De acordo com o texto em Ezequiel, os ídolos estavam presentes no coração dos homens de Israel como “o tropeço da sua maldade diante deles

mesmos”, pois, ao colocá-los diante de si, o próprio eu deles estava sendo exposto.

O texto de Ezequiel prossegue: “Portanto, fala com eles e dize-lhes: Assim diz o SENHOR Deus: Aquele da casa de Israel que der lugar no coração aos seus ídolos, e puser o tropeço da sua maldade diante de si, e for ao profeta, eu, o SENHOR, haverei de responder-lhe conforme os seus muitos ídolos; para que possa reconquistar o coração da casa de Israel, que se distanciou de mim por causa de seus ídolos” (v. 4,5).

O problema não estava nas formas externas em si, mas no íntimo daqueles homens. Como diz o texto, eles tinham ídolos no coração. Uma vez o coração controlado pelo ídolo, todo o homem está controlado.

Deus é “o grande Eu Sou”. E Israel, assim como nós hoje fazemos, trocou “o grande Eu Sou” pelo “grande sou eu”. Deus verdadeiramente é grande, mas eu decido trocá-lo pelo meu próprio eu dominado e inflado. Dentre os ídolos presentes no coração de Israel nos tempos do profeta Ezequiel e que estão igualmente presentes no coração dos seres humanos nos dias atuais, o mais adorado certamente é o “grande sou eu”. Esse ídolo, originado lá no Éden, destronou “o grande Eu Sou”.

Ao dar ouvidos à proposta da serpente de que seriam “como Deus, conhecendo o bem e o mal” (Gn 3.5), Adão e Eva vislumbraram a si mesmos e seus desejos como alvo maior da sua existência. Foi, portanto, no Éden que essa idolatria teve início. Ali surgiu a primeira manifestação concreta da idolatria — a adoração do próprio eu. E essa inclinação idólatra continua a habitar no coração de todos os seres humanos.

Dinheiro, poder e sexo: inclinações do coração expressas em impulsos

Talvez os três impulsos mais fortes da raça humana sejam os motivados por dinheiro (o desejo de possuir), por poder (o desejo de exercer domínio) e por sexo (o desejo de plena intimidade). Esses três impulsos estão profundamente relacionados com as três inclinações que acabamos de explicitar entre parênteses. Com essa correspondência entre impulsos externos e inclinações internas, podemos compreender que a idolatria nasce no coração e estimula os apetites desordenados, a desobediência ao Criador, o pecado.

No anseio de entender isso ainda melhor, fui pesquisar outros textos bíblicos a respeito do tema e deparei com Provérbios 13.12, que se relaciona com o texto de Gênesis que estamos estudando: “A esperança adiada entristece o coração, mas o desejo cumprido é árvore de vida”. O coração é associado aos desejos nesse provérbio, e seu autor não usou a expressão “árvore de vida” aleatoriamente. O homem podia, no Jardim do Éden, ter livre acesso à árvore da vida, usufruindo dela plenamente, recebendo plena satisfação para todas as suas reais necessidades; contudo, ele preferiu desviar o foco dessa fonte de satisfação plena para opor-se a Deus e agora encontra-se nessa constante situação de ter a sua esperança adiada. Sua busca de satisfação fora da árvore da vida, a qual ficou impedido de acessar depois da Queda, o leva à porta de todos os tipos de ídolos.

Hoje pecamos da mesma forma. Tiago falou a esse respeito em sua carta. Aliás, parece que ele acabara de ler os capítulos iniciais de Gênesis quando a escreveu: “Mas cada um é tentado quando atraído e seduzido por seu próprio desejo” (Tg 1.14). O passo seguinte à atração é a sedução. Quando alguém olha para algo e acha que é muito desejável, isso gera a cobiça e, então, surge a idolatria, a qual dá à luz o pecado; e o pecado, por sua vez, gera a

morte, porque “no dia em que dela [árvore do conhecimento do bem e do mal] comeres, com certeza morrerás” (Gn 2.17).

Satanás: o agente de indução à idolatria

Entendendo onde reside a idolatria e que ela se concretiza na adoração do eu e na satisfação irrestrita de seus desejos, cabe agora destacar outras características da figura que induz o ser humano à idolatria: Satanás. Seu método caracteriza-se pela dubiedade. Em geral, ele não trabalha com mentiras absolutas, mas, sim, com meias verdades. Ele nem sempre busca negar de forma cabal a existência de Deus. Contudo, mesmo não o negando por completo, trabalha sornateiramente com o objetivo de nos convencer da irrelevância de sua existência e de sua vontade para nossa vida propondo substitutos para Deus.

Para estabelecer um contraste com a maneira sórdida de Satanás agir, vejamos uma ilustração simples que costumo usar com meus alunos. Imagine que, ao constatar o aparecimento de um buraco em uma coluna do prédio da igreja, o pastor responsável peça ao irmão encarregado da manutenção:

— Por favor, irmão, tampe a metade desse buraco.

Depois de o serviço ser executado conforme a orientação do pastor, alguém pergunta:

— O que é aquilo na parede?

A resposta não pode ser outra senão:

— Um buraco.

Não existe meio-termo. Meio buraco é um buraco. Meia verdade é uma mentira. Mas é justamente contrariando isso que Satanás trabalha. Ele sabe da existência de Deus e da revelação de sua vontade. Não nega essas realidades de forma absoluta, mas tenta torná-las irrelevantes para a nossa vida. Nos últimos tempos temos

visto que os seguidores de Satanás têm tentado por todos os meios “provar” a inexistência do Deus da Bíblia. O movimento ateu é relativamente novo na história da humanidade se comparado com o ateísmo prático proposto pela serpente.

Essa maneira de Satanás agir, distorcendo ou minimizando alguma verdade absoluta revelada por Deus, ou a própria realidade, é muito antiga. O exemplo mais clássico encontra-se justamente em Gênesis 3, quando ele afirma: “Com certeza, não morrereis. Na verdade, Deus sabe que no dia em que comerdes desse fruto, vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus, conhecendo o bem e o mal” (v. 4,5). Perceba que a mentira está claramente presente em meias palavras: sim, o homem tem os olhos abertos e passa a ser conhecedor do bem e do mal depois de tomar do fruto que Deus havia proibido. O resultado, porém, não será aquele que foi implicitamente afirmado.

CONSEQUÊNCIAS DA IDOLATRIA

Como consequências drásticas de ter acreditado na completa mentira (meia verdade) contada por Satanás no Éden e de ter cedido à cobiça e à idolatria, o homem sofreu diversas perdas.

O homem perdeu sua pureza e integridade, tornando-se mau

“Agora o homem [...] conhece o bem e o mal” (Gn 3.22). Cedendo à cobiça do coração, Adão e Eva adquiriram, por meio de uma experiência real da maldade, o conhecimento que desejavam. No diálogo com a mulher, Satanás escondeu esse fato crucial, dizendo apenas meia verdade. Quando afirmou que os dois se tornariam como Deus ao conhecerem o bem e do mal, na realidade Satanás escondeu o fato de que eles também se tornariam maus por causa de sua desobediência a Deus. A satisfação que procuravam no

mistério do fruto daquela árvore tornou-se para eles o mais amargo de todos os frutos, a perda de sua integridade diante do Criador e diante um do outro.

O homem perdeu a intimidade com Deus

Vemos no relato que o privilégio de ser amigo íntimo do Criador também desapareceu, pois o homem passou a se envergonhar também diante de Deus (Gn 3.8-10). O homem foi criado à sua imagem e semelhança para ser íntimo dele e caminhar em sua companhia no jardim. Mas o que a desobediência ocasionou foi exatamente o oposto: o homem passou a se esconder daquele com quem deveria ter a maior de todas as intimidades, maior até mesmo da que desfrutava com aquela que havia sido tirada de seus próprios ossos e carne. A presença, transparência e intimidade foram substituídas pelo esconder-se, medo e vergonha. Quando Deus chega ao jardim para confrontar o homem, o texto diz: “Mas o SENHOR Deus chamou o homem, perguntando: Onde estás? O homem respondeu: Ouvi a tua voz no jardim e tive medo, porque estava nu; por isso me escondi” (Gn 3.9,10).

O homem perdeu a intimidade com sua companheira

A consciência da própria maldade é explicitada na vergonha que o primeiro casal passou a ter um diante do outro (Gn 3.7). O homem começou a sentir vergonha de si diante daquela que havia sido criada de sua própria carne e ossos para ser sua ajudadora mais adequada. De repente, a intimidade desaparece e, no lugar, surge o individualismo expresso na acusação mútua (Gn 3.12). Quando confrontado por Deus, o homem volta-se contra o próprio Criador e contra a mulher que havia recebido dele. Sua resposta diante da confrontação de Deus foi apontar para a mulher como a fonte do

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A origem da idolatria"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).